

PROCESSO DE EXPRESSÃO POPULAR NA “CENA TRIMALCHIONIS” DE PETRÔNIO

Edison Lourenço Molinari (UFRJ)

A “Cena Trimalchionis” descreve um banquete realizado na casa do liberto Trimalcião, que enriquecera no comércio. Trata-se de um fragmento do *Satiricon* de Petrônio, que nos chegou mutilado, tendo-se conservado somente os livros quinze e dezesseis. Os convidados, apesar de alforriados, conservam traços de se a origem popular. Na “Cena”, eles sentem-se inibidos com a presença do anfitrião e só ficam à vontade para conversar, quando este se retira do triclinio (sala de refeições), entre os capítulos 41,9 e 46.

Através desses personagens, Petrônio revela-nos a mentalidade da plebe romana de seu tempo, além de registrar fatos do latim corrente. Enquanto ao nível do narrador é utilizado o latim clássico (já enriquecido com formas do latim imperial e da língua familiar), ao nível dos libertos vem documentado o latim popular, em suas características fonéticas, morfossintáticas e lexicais. Ocorrem ainda inúmeras figuras de estilo de sabor popular e expressões proverbiais, de que trataremos neste trabalho.

A ação se passa possivelmente em “Puteoli” (atual Pozzuoli), e os libertos aparecem na seguinte ordem: Dama, Seleuco, Filerote, Ganimedes e Equionte.

1. DAMA

Dama é um liberto de pouca instrução, que se expressa através de frases curtas, sem ordenação lógica, além de usar palavras e expressões populares. Seu gosto pelo vinho é realçado por palavras longas extremamente expressivas: “... cum pataracina poposcisset...” (41,10) Como ele tivesse ele tivesse pedido uma enorme taça de vinha...

Dama é uma epicurista que, bastante bêbado, filosofa sobre a fugacidade do tempo que deve ser aproveitado: “Dies, inquit, nihil est. Dum uersas te, nox fit. Itaque nihil melius est quam de cubiculo recta in triclinium ire.” (41,10) O dia não dura nada, disse ele. Enquanto te viras, já é noite. E assim nada é melhor que ir direto da cama para a mesa.” Como esse banquete é realizado no inverno, o

liberto recomenda o consumo do vinho para combater o frio intenso: “Tamen calda potio uestiarius est. (41,11) Porém uma bebida quente vale por um guarda-roupa.” Aqui destacamos a expressividade da metáfora obtida pelo emprego do substantivo “uestiarius” para designar o vinho. Podemos aproximá-la de nossas expressões casaco de pobre e agasalho de pobre, aplicadas pelo povo à cachaça. Verificamos também a forma sincopada “calda” em lugar de “calida”. O próprio Dama reconhece seu estado de embriaguez, ao empregar a seguinte hipérbole: “Vinus mihi in cerebrum abiit.(41,12) O vinho me subiu à cabeça.” Observamos também nesta frase o emprego do masculino “uinus” em lugar do neutro “uinum”, o que comprova a tendência da língua corrente para eliminar o neutro em proveito do masculino.

2. SELEUCO

Seleuco é um homem pessimista que se torna melancólico sob o efeito do álcool. Fala inicialmente sobre o banho diário, empregando uma pitoresca metáfora de estilo popular: “Ego, inquit, non cotidie lauor; baliscus enim fullo est: aqua dentes habet, et cor nostrum cotidie liquescit.”(42,1) Eu não tomo banho todo dia, diz ele; com efeito o banho é pisoeiro: a água tem dentes, e o coração vai-se derretendo dia a dia.” A primeira metáfora nos faz lembrar que nas tinturarias romanas os tecidos eram tratados com substâncias alcalinas e pisados durante a lavagem e a limpeza. Daí a imagem relacionada aos efeitos do banho quente sobre o corpo, segundo o liberto. O caráter concreto e realista dessa metáfora é reforçado pela comparação da água a mordidas sobre o corpo. Por isso, o liberto bebe vinho para espantar o frio, empregando uma expressão grosseira, na qual o verbo declarativo é combinado ao helenismo “laikázein”, prostituir-se: “frigori laecasin dico”. (42,2) Eu mando o frio se f...”

A seguir, Seleuco revela sua afetividade, ao lembrar seu amigo falecido Crisanto: “Homo bellus, tam bonus Chrysanthus animam ebulliit.” (42,3) Crisanto, um sujeito legal, tão bom, bateu as botas.” Vemos aqui o emprego “bellus” em lugar de “ebullio” provém de “bulla”, bolha de ar, e a expressão citada acima revitaliza a forma corrente “animam efflare”, soltar o último suspiro. A pessoa do morto ainda é muito forte na mente do liberto, conforme deduzimos de sua afirmação, na qual a repetição do advérbio “modo” adquire

valor intensivo: “Modo, modo me appellauit”. Ainda há pouco ele me chamou.” E conservando no pensamento a idéia expressa na metáfora anterior, Seleuco desabafa, ante a fragilidade humana e a inevitabilidade da morte, comparado os homens a bolha de ar: “Vtres inflati ambulamus. Minoris quam muscae sumus. (...) nos non pluris sumus quam bullae.” (42,4) Nós andamos como odres cheios de ar. Valemos menos que as moscas. Não valemos mais que bolhas de ar”. Note-se ainda a construção do trecho em estilo paratático.

Ao lembrar que seu amigo ficou cinco dias sem beber nem comer, Seleuco recorreu a um novo eufemismo sobre o desaparecimento de Crisanto: “Tamen abiit ad plures.”(42,5) Porém ele partiu para o outro mundo”. No mundo greco-romano acreditava-se que a região dos mortos era mais populosa que o mundo dos vivos. Daí o emprego de “plures”, numerosos, para designá-la. Os nomes do deus dos mortos “Pluto, Plutones e Dis, Ditis” também estão ligados à noção de grande quantidade, pois esse deus reina sobre um mundo superpovoado de alma.

Na opinião do liberto foram os médicos que acabaram com Crisanto, aliados ao mau destino, “malus fatus”, que perseguia o pobre homem. Seleuco é fatalista, daí a forma masculina “fatus” em lugar do neutro “fatum”, pois aqui o destino é uma força personalizada e divinizada. Quanto aos médicos, eles constituem somente um reconforto moral: “animi consolatio”(42,5)

Referindo-se ao caixão do amigo, Seleuco emprega mais um eufemismo, dizendo “uitali lecto” em lugar de “mortali lecto”: “Tamen bene elatus est, uitali lecto, stragulis bonis” (42,6). Todavia ele teve um belo enterro, no seu leito vital, com uma bela mortalha.” O liberto ainda lança duras críticas à viúva que não pranteara devidamente o marido, atacando violentamente as mulheres: “Sed mulier quae mulier miluinum genus. Neminem nihil boni facere oportet; aequae est enim ac si in puteum conicias. Sed antiquus amor cancer est.” (42,7) Mas as mulheres tanto uma como outra são uma raça de abutres. Ninguém devia fazer para elas nada de bom; é como se enchesse d’água um poço. Mas um velho amor é uma doença incurável.” Ressaltamos aqui a rapacidade proverbial dos abutres; a construção negativa pleonástica; a expressão proverbial “in puteum conicere” aplicada a uma ação praticada inutilmente; a desoladora reflexão sobre o amor que encerra a fala de Seleuco.

3. FILEROTE

Filerote é um otimista que ama os prazeres da vida e assim reage às palavras de seu antecessor: “*Viuorum meminimus.*” (43,1) Lembremos os vivos. “Apesar dessas palavras, ele pronunciará a oração fúnebre de Crisanto, cujos méritos ele resume com um expressivo paralelismo sintático: “*honeste uixit, honeste obilit.*” Viveu com dignidade, morreu com dignidade.”

Crisanto venceu na vida, porque era um homem econômico, chegando até a avareza, enfatizada pela crueza das palavras de Filerote: “*Ab asse creuit et paratus fuit quadrantem de stercore mordicus tollere. Itaque creuit, quicquid creuit, tanquam fauus.*” Ele veio do nada e estava pronto para apanhar na m..., com os dentes um quarto de asse. E assim cresceu, e como cresceu! – como um favo de mel.” O asse era uma moeda romana de pouco valor e metaforiza a origem humilde de Crisanto; o favo de mel era o símbolo da prosperidade e ressalta a sua ascensão econômica.

No entanto, Filerote não perde a oportunidade de falar mal do morto. Reconhece sua irreverência, justificando-a: “*De re tamen ego uerum dicam, qui linguam caninam comedi: durae buccae fuit, linguosus, discordia, non homo.*” (43,3) Todavia, eu que comi a língua de um cão, falarei a verdade sobre o caso: ele era um desbocado, um linguarudo, um brigão e não um homem de bem.” Observemos que os romanos consideravam o cão o símbolo da indecência e da maldicência; a construção sintática do tipo “*discordia, non homo*” que sintetiza a personalidade do morto, aparece em outras passagens da “Cena”.

O irmão de Crisanto, por outro lado, era generoso com todos: “*Frater eius fortis fuit, amicus amico, manu plena, uncta mensa.*” (43,4) O irmão dele foi um homem corajoso, amigo dos seus amigos, um mão aberta, com a mesa farta. “A prodigalidade desse homem pode ser atestada pelos três segmentos binários encontrados neste trecho: “*amicus amico, manu plena, uncta mensa*”.

Crisanto enfrentou inúmeras dificuldades no início de suas carreira: “*Et inter initia malam parram pilauit, sed recorrexit costas illius prima uindemia.*” (43,4) E no início da vida ele depenou uma ave de mau agouro, mas sua primeira vindima consertou-lhe os costados.” A “*parram*” era uma ave agourenta, e a expressão “*malam parram pilauit*” equivale em português a “comeu o pão que o diabo

amassou; a expressão metafórica “*recorexit costas illius*” ressalta o seu êxito no comércio. Na verdade ele enriqueceu graças a uma herança, da qual recebeu mais do que lhe cabia, segundo a maldizente Filerote: “... *illius mentum substulit...*”(43,4) Isto o fez erguer a cabeça.”

Suas desavenças com o irmão levaram-no a fazer o testamento para um estranho: “*Et ille stips, dum fratri suo irascitur, nescio cui terrae filio patrimonium elegavit.*”(43,5) E esse imbecil, desde que está de mal com o irmão, legou seus bens a um João-ninguém qualquer.” Aqui reconhecemos o termo injurioso “*stips*” e a expressão proverbial “*terrae filius*” que designa um indivíduo qualquer. Por isso Filerote justifica o procedimento do morto, citando um provérbio onde ocorre uma expressiva repetição verbal: “*Longe fugit, quisquis suos fugit.*”(43,6) Foge para longe aquele que foge dos seus”. Esse homem, porém, ficou arruinado, porque confiara nos escravos que ele escutava como se fossem oráculos, o que leva o liberto a concluir sabiamente que o segredo é a alma dos negócios: “*Ninquam autem recte faciet qui cito credit, utique homo negotians.*” Nunca, porém, agirá com prudência aquele que confia em alguém de imediato, principalmente um negociante.”(43,6)

Apesar disso, ele aproveitou a vida, era um protegido da sorte, sabia ganhar dinheiro: “*Plane Fortunae filius. In manu illius plumbum aurum fiebat.*”(43,7) Era um filho da deusa Fortuna. Na mão dele o chumbo virava ouro.” Ele viveu mais de setenta anos, tinha uma saúde de ferro, sem um fio de cabelo branco: “*Sed corneolus fuit, aetatem bene ferebat, niger tanquam coruus.*”(43,7) Mas era resistente como um chifre, suportava bem o peso da idade, e seu cabelo era negro como um corvo.” Possuía um vigor sexual incrível e gostava muito de rapazes, o que faz Filerote afirmar com maliciosa ironia que ele era um homem devotado à deusa Minerva: “*omnis Minervae homo*”(43,8). Como Minerva era a deusa da sabedoria, Crisanto era um homem que sabia escolher de acordo com suas tendências naturais. O liberto encerra sua fala com um pensamento epicurista, que freqüentemente aparecia nas inscrições tumulares, para resumir o necrológio do amigo: “*hoc solum enim secum tulit*”. Com efeito só levou isto consigo.” Em outras palavras, só levou seus dotes pessoais, pois nada se carrega deste mundo.

4. GANIMEDES

Ganimedes é um homem revoltado contra o alto custo de vida, sente saudades do tempo passado, quando todos eram felizes. Por isso, a sua fala gira em torno de dois planos temporais antitéticos: um passado de fartura e um presente de miséria. Ele começa criticando Filerote, por ficar alheio ao sofrimento da plebe: “Narrat is quod nec ad terram pertinet, cum interim nemo curat, quid annona mordet.”(44,1) Ele fala de coisas que não interessam, enquanto ninguém vê como o preço do trigo é escorchante.” Vale aqui registrar a expressão proverbial “quod nec ad terram pertinet” e a expressiva metáfora “annona mordet”, aplicada “a elevação de preços que morde o bolso do pobre. Além da inflação e da seca, os edis, são cúmplices dos comerciantes desonestos: “Aediles male aueniat, qui cum pistoribus collidunt.” (44,3) Malditos sejam os edis que estão mancomunados com os padeiros: Protege-me que eu te protegerei.” Além da imprecação lançada contra os edis, notemos que a ruptura brusca do período realça o provérbio aplicado à venalidade desses magistrados. Para expressar sua indignação, Ganimedes emprega as seguintes hipérboles: “Itaque populus minutus laborat; nam isti maiores maxillae semper Saturnalia agunt.”(44,3) E assim a raia miúda sofre; pois essas enormes mandíbulas sempre festejam as Saturnais.” As “maxillae” são os comerciantes gananciosos, e as Saturnais eram festas celebradas no fim do ano, a partir de 17 de dezembro, com folguedos, trocas de presentes e liberdade absoluta, revivendo a época de prosperidade em que Saturno governou a Itália.

Ganimedes se recorda de que, quando ainda era um menino, havia um orador famoso chamado Safínio, que tinha coragem de combater os maus administradores e tinha um temperamento explosivo: “piper, non homo”(44,6) Ele era uma pimenta, não um homem, pois estava sempre irritado. Daí a utilização de mais uma hipérbole, para designá-lo: “Is quacunque ibat, terram adurebat”(44,7) Por onde quer que ele andasse, queimava o chão.”

Apesar disso, ele era um homem íntegro, um amigo sincero, de toda a confiança, virtude ressaltada pelo seguinte provérbio: “... cum quo audacter posses in tenebris micare”(44,7) Com ele poderias ousadamente jogar a morra no escuro.” Nesse jogo, os dois jogadores levantam alguns dedos ao mesmo tempo, e o adversário deve adivinhar o número de dedos levantados. Safínio seria incapaz de

trapacear mesmo no escuro. Sua oratória no conselho dos edis era invencível, porque ele não usava floreios literários: “Nec schemas loquebatur sed directum”(44,8) Não falava complicado, ia direto ao assunto.” Observe-se que o neutro “schema”, figura de estilo, foi flexionado como feminino. A grandiosidade dos discursos de Saffínio é enaltecida com um bela metáfora de efeito musical: “Cum age-ret porro in foro, sic illius uox crescebat tanquam tuba.”(44,9) Quando falava no foro, a voz dele crescia como o som de uma trombeta.” Ganimedes revela ainda um traço da psicologia popular, ao lembrar que Saffínio cumprimentava gentilmente a todos como se fosse um deles, chamando cada um pelo nome.

Voltando aos problemas atuais, o liberto faz um novo paralelo entre o passado e o presente, desta vez falando da fartura dos velhos tempos: “annona pro luto erat”(44,10) A colheita do trigo era abundante como a lama do chão.” Além disso o pão que custava um asse dava de sobra para duas pessoas; hoje o pão é menor que um olho de boi. A vida na colônia vai de mal a pior: “Haec colonia retrouersus crescit tanquam coda uituli.”(44,12) Esta colônia cresce para trás como cauda de bezerro. “Aqui temos uma comparação colhida ao ambiente rural e a forma popular “coda” em lugar da forma clássica “cauda”.

Esses desmandos ocorrem porque os homens não reagem contra o edil desonesto. O liberto emprega uma expressão grosseira sobre a virilidade dos habitantes locais, além de aludir à covardia da raposa e à bravura do leão: “Sed si nos coleos haberemus, non tantum sibi placeret. Nunc populus est domi leones, foras uulpes.”(44,14) Mas se nós tivéssemos testículos, ele não se fartaria tanto. Hoje o povo se comporta em casa como leões, lá fora como raposas.”

Para Ganimedes todo esse sofrimento é um castigo dos deuses, porque todos só pensam no dinheiro, esquecidos de suas obrigações religiosas: “Nemo enim caelum caelum putat, nemo ieiunium seruat, memo Iouem pili facit, sed omnes opertis oculis bona sua computant.”(44,17) Com efeito ninguém acredita que o céu é o céu, ninguém observa o jejum, ninguém faz caso de Júpiter, mas todos contam suas riquezas de olhos fechados.” Aqui encontramos a anáfora do pronome “nemo”, realçando o desprezo às práticas religiosas e o genitivo de preço “pili” enfatizando o desprezo ao deus Júpiter.

Então o liberto recorda que antigamente as matronas participavam das “nudipedalia”, procissões que elas seguiam descalças, subindo a ladeira em direção ao templo de Júpiter, para suplicar ao deus que enviasse chuva à terra. E assim todos voltavam para casa, felizes com o atendimento de suas súplicas, molhados como ratos: “udi tanquam mures” (44,18); em português diríamos molhados até os ossos. Hoje, porém, os campos estão secos porque os homens abandonaram a religião: “Itaque dii pedes lanatos habent, quia religiosi non sumus.”(44,18) E por isso os deuses têm os pés cobertos de lã, porque nós permemos o sentimento religioso.” A expressão “pedes lanatos habere” alude ao costume de se amarrarem com faixas de lã os pés da estátua de Saturno, e que eram desatadas durante as festas celebradas em homenagem ao deus. O liberto entende que a impiedade humana provoca a indiferença dos deus aos sofrimentos da colônia.

5. EQUIONTE

O trapista Equionte, apreciador dos jogos do anfiteatro, é um otimista diate da vida: “Quod hodie non est, cras erit: sic uita truditur.”(45,2) O que não acontece hoje, acontecerá amanhã: assim corre a vida.” Para ele o mal está nos próprios homens que precisam aprender a ver tudo com bons olhos: “Non debemus delicati esse; ubique medius caelus est. Tu si aliubi fueris, dices hic porcos coctos ambulare.”(45,3-4) Não devemos ser derrotistas; por toda a parte se acha o meio do céu. Se tu estiveres em outro lugar, dirás que aqui os porcos já andam cozidos.” Além do caráter proverbial desse trecho, notemos a divinização do mundo celeste indicada pelo emprego de “caelus” masculino em lugar do neutro “caelum”.

Em seguida Equionte passa a falar dos espetáculos de gladiadores. Esses jogos de origem etrusca eram inicialmente realizados durante as cerimônias fúnebres; passaram a ser oferecidos ao público pelos candidatos e a cargos eleitorais, na esperança de conquistar a vitória nas urnas. Oficializados pelo Senado Romano em 105 A.C., eram considerados uma atividade infame de que participavam prisioneiros de guerra, criminosos condenados, escravos e até voluntários.

Equionte afirma que o magistrado municipal Tito oferecerá durante três dias um espetáculo grandioso, graças à herança recebida de seu pai: “Ferrum optimum daturus est, sine fuga, carnarium in medio, ut amphitheatrum uideat”.(45,6) Ele fornecerá ferro de primei-

ra qualidade, sem fujões, e um abatedouro no meio, para que todo o anfiteatro o veja”. A suntuosidade do evento, que deixará o nome de Tito na história da cidade, é ressaltada pelas metonímias “ferrum” que designa as melhores armas, e “fuga” substantivo abstrato: combatentes fugitivos; notamos ainda o emprego do masculino “amphitheater”, em lugar do neutro “amphitheatrum”. A afirmação do liberto mostra-nos a crueldade e a violência desses jogos apreciados pela plebe romana.

Entre os combatentes está o intendente de Glícon que fora surpreendendo mantendo relações sexuais com sua senhora, fato que o liberto menciona usando um irônico eufemismo: “qui deprehensus est cum dominam suam delectaretur”(45,7); o qual foi surpreendido quando dava prazer a sua senhora.”

Para Equionte, Glícon, que não vale um sestércio, “sestertiarus homo” (45,8), expôs ao público sua própria vergonha, ao atirar o intendente às feras. Culpando a mulher infiel, Equionte aplica-lhe o termo injurioso “matella”, urinol, com o sentido de ordinária, desavergonhada. Além disso, ele não perdoa a covardia do marido traído, que não tomou a atitude que o caso exigia, aplicando-lhe o seguinte provérbio: “Sed qui asinum non potest, stratum caedit”(45,8). Mas quem não pode bater no burro, bate na sela.”

Como se isso não bastasse, Hermógenes, o pai da adúltera, era um ladrão, uma ave de rapina; portanto, a erva daninha nunca poderia dar bons frutos: “Ille miluo uolanti poterat ungues rescare; colubra restem non parit.”(45,9) Ele era capaz de cortar as garras de um milhafre voando; uma cobra não gera uma corda.” Nós diríamos: tal pai, tal filho. Por esse motivo, Glícon vai ficar com essa mancha que só a morte vai limpar: “nec illam nisi Orcus delebit.” Somente Orco poderá apagá-la.” Aqui vem empregado metaforicamente o nome do deus do mundo das trevas, para indicar a morte. Orco é um teônimo da mitologia popular, enquanto Plutão pertence à mitologia erudita.

Em seguida Equionte fala sobre Maméia, um candidato às eleições, que oferecerá um baquete e distribuirá dois denários a cada convidado. Agindo assim, ele vencerá nas urnas seu adversário Norbano, com grande vantagem. O liberto emprega uma metáfora colhida às atividades náuticas para ressaltar a vitória nas urnas: “Scias oportet plenis uelis hunc uinciturum.(45,11) Convém que

saibas que ele vencerá a todo o pano.” Observemos ainda a forma popular “uincitulum” em lugar da forma clássica “uictulum”.

Norbano, por outro lado, ofereceu um espetáculo com gladiadores tão decrepitos que não resistiriam a um sopro dos adversários. Ele já assistira a lutas de bestiários muito melhores (criminosos condenados que combatiam as feras quase sempre desarmados). A caricatura dos gladiadores de Norbano possui um realismo expressivo: “Occidit de lucerna equites; puteres eos gallos gallinaceos: alter burdubasta, alter loripes, tertiarus mortuus pro mortuo, qui haberet neruia praecisa.”(45,11) Ele fez morrer cavaleiros pintados em lanternas; eram uns frangotores: o primeiro parecia um burro de carga, o segundo puxava da perna, o terceiro que substitui um companheiro morto tinha os tendões cortados.” Convém aqui ressaltar a alusão ao costume de se decorar as lamparinas com cenas ligadas aos jogos dos anfiteatros. A descrição acima constitui uma hipóbole que destaca a péssima qualidade do espetáculo. Segundo Equionte somente um lutador trácio combateu dentro das regras do esporte; os outros eram uns covardões, conforme atesta o emprego metonímico do substantivo abstrato aplicado aos péssimos lutadores: “plane fugae mearae”(45,12), nada mais que simples fujões.” O liberto simula um diálogo com Norbano, aplaudindo-o com ironia e citando um provérbio que traduz a ajuda recíproca: “Manus manum lauat”.(45,13) Uma mão lava a outra.”

Mudando de assunto, Equionte fala sobre o que pensam os libertos sobre a educação dos filhos. Ele dirige a palavra ao mestre de retórica Agamênon, convidando-o para visitá-lo. Ele tem um filho que poderia tomar lições com Agamênon. O menino é muito inteligente, sabe dividir por quatro, gosta de caçar passarinhos, tem vocação para a pintura, está adiantado na gramática, embora seu mestre não seja tão dedicado a sua tarefa: “Ceterum iam Graeculis calcem impingit et Latinas coepit non male appetere...”(46,5) Além do mais, ele já domina o grego e começa a aprender razoavelmente o latim.” Assinalemos a metáfora de sabor popular “calcem impingit”, dá um pontapé, e a negativa atenuada “non male”, aplicadas “a inteligência do estudante.

Equionte não quer que o filho enfrente as dificuldades por que ele passou na vida. Para garantir o seu futuro, comprou para o menino uns livros de leis, para que o mesmo se torne um advogado e ga-

ranta o sustento diário exercendo essa profissão: “Habet haec res panem”.(46,7) Esta profissão garante o pão de cada dia.” Se o filho não se der bem, ele vai mandá-o aprender um ofício: “aut tonstrenum aut praeconem aut certe causidicum, quod illi auferre non possit nisi Orcus”. O ofício é barbeiro, pregoeiro ou advogado, o que nem a morte poderá tirar-lhe.” Em lugar dos nomes das profissões, aqui foram empregados por metonímia os designativos daqueles que as exercem; novamente vemos o nome de deus Orco aplicado à morte, por metáfora.

Como um bom pai, o liberto incentiva o filho a estudar, ensinando-lhe um provérbio sobre a importância do saber: “quicquid discis, tibi discis.”(46,8) Tudo aquilo que aprendes, aprendes para ti.” Observe-se o paralelismo sintático no emprego reiterado da forma verbal “discis”, enfatizando o valor da educação. Com exemplo de quem venceu na vida estudando e fazendo muitos esforços, Equionte cita o advogado Filerote, que carregava nas costas fardos para vender. Esse homem superou todos os obstáculos e hoje ele já mede forças com o magistrado Norbano, citado anteriormente. Graças a seus estudos ele não vai morrer de fome: “si non didicisset, hodie famem a labris non abigeret.”(46,8) Se ele não tivesse estudado, hoje não afastaria a fome dos lábios.”

Equionte encerra seu discurso, ressaltando a importância do saber como um patrimônio inalienável, a única riqueza que ninguém poderá nos tirar: “litterae thesaurum est, et artificium nunquam moritur.” A cultura é um tesouro, e o talento nunca se perde” Neste provérbio o neutro “thesaurum” está empregado no lugar do masculino “thesaurus”, registrando-se mais uma vez, na fala de um liberto, a confusão entre os gêneros masculinos e neutro.

Aqui termina a conversa dos libertos, com o retorno de Trimalção ao triclínio.

BIBLIOGRAFIA

GRIMAL, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie grecque et romaine*. 4. éd. rev. Paris : PUF, 1969.

LAVEDAN, Pierre. *Dictionnaire de la mythologie et des antiquités grecques et romaines*. 3.éd. rev. et mise à jour. Paris : Hachette, 1931.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

MAIURI, Amadeo. *La cena di Trimalchioni*; saggio, testo e commento. Napoli : Raffaele Pironti, 1945.

PARATORE, Ettore. *Il Satyricon di Petronio*. Fireze : Felice Le Mounir, 1933. 2v.

PERROCHAT, Paul. *Pétrone; le festin de Trimalcion*. 2. éd. rev. corr.. Paris : PUF, 1952.

PÉTRONE. *Le Satiricon*. 7. tir. Paris : Belles Lettres, 1970.

PETRONIUS ARBITER. *Cena Trimalchionis*; testo critico e commento di Enzo V. Marmorale. Firenze : La Nuova Italia Editrice, 1948.

SULLIVAN, J.P.. *The Satyricon of Petronius*; a litterary study. London : Faber and Faber Limited, 1968.